
REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

REVISTA HCPA 2005; 25 (Supl 1) :1-251



^a
Semana Científica
do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
12º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do Mercosul

Anais

REVISTA HCPA - Volume 25 (Supl 1) - Setembro 2005
International Standard Serial Numbering (ISSN) 0101-5575
Registrada no Cartório do Registro Especial de Porto Alegre sob nº 195 no livro B, n.2
Indexada no LILACS

A Correspondência deve ser encaminhada para: Editor da Revista HCPA - Largo Eduardo Zaccaro Faraco - Rua Ramiro Barcelos, 2350
90035-903 - Porto Alegre, RS - Tel: +55-51-2101.8304 - www.hcpa.ufrgs.br

OS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM E O ENFRENTAMENTO DA MORTE

LETÍCIA FIGUEIRÓ FONTOURA; VERA CATARINA CASTIGLIA PORTELLA

Este estudo objetiva compreender como os acadêmicos de enfermagem estão emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, uma vez que esta se faz presença marcante no cotidiano da profissão de enfermagem e que, atualmente, a questão da morte pouco é abordada, especialmente durante a graduação. Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, realizado na Escola de Enfermagem da UFRGS, cuja população se constitui nos acadêmicos de enfermagem do nono semestre do Curso de Graduação em Enfermagem. Através de entrevista semi-estruturada, segundo Triviños (1990), foram consultados doze acadêmicos, entre abril e maio de 2005. O questionário constou de dados de identificação e de perguntas abertas sobre experiências, sentimentos, medos, opiniões e religiosidade acerca da vivência de situações de enfrentamento da morte. Os dados foram categorizados e analisados segundo Lüdke (1986). Os resultados apontam que os acadêmicos que se julgam emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, tem considerável vivência dessas situações. Aqueles que se dizem não preparados, conservam uma ansiedade pelo fato de não saber como lidar com sua reação. Existe nos acadêmicos uma insegurança por não saber trabalhar tecnicamente e emocionalmente com situações críticas, devido a uma lacuna no ensino, durante a formação profissional. A religiosidade e a crença numa existência pós-morte parece confortar esses indivíduos. O vínculo formado com o paciente, durante o tratamento, influencia na intensidade da dor da perda. O processo de enfrentamento da morte para os acadêmicos de enfermagem é solitário, feito através de experiências pessoais, entretanto, seria de grande valia a discussão dessa temática durante a graduação.

AVALIAÇÃO DO EXAME DE FUNDO DE OLHO EM PACIENTES DIABÉTICOS DE SAPUCAIA DO SUL.

CHENIA BLESSMANN GARCIA; CAROLINA MAURENTE; JOSÉ HUMBERTO LAMBERT ; SUELEN APARECIDA MIOZZO ; MURILO FELIX ROGGIA ; CAIO AUGUSTO SCOCCO; PATRÍCIA ROCHA MACHADO ; ANDRESSA STOLZ ; JORGE FREITAS ESTEVES .

Introdução: A retinopatia diabética é uma complicação microvascular da doença, que pode ser identificada no exame de fundo de olho. A diabetes é a principal causa de cegueira adquirida em países desenvolvidos. Objetivo: Com o objetivo de prevenção da retinopatia, nosso programa inclui pacientes diabéticos, que são avaliados por equipe oftalmológica e clínica. Os pacientes são atendidos em suas comunidades por acadêmicos da Medicina da UFRGS, acompanhados pelo orientador, com o objetivo de prevenir e tratar a retinopatia diabética. Materiais e Métodos: A organização do programa é de responsabilidade dos acadêmicos, envolvendo a realização de avaliação clínica, através de questionário, e oftalmológica, devidamente supervisionadas pelo professor. Resultados: Em dezembro de 2004 foram atendidos 23 pacientes em Sapucaia do Sul. Dezoito (78,26%) foram considerados normais no fundo de olho. Desses 18, 6 (33,33%) tinham 10 anos ou mais de duração da doença, 16 (88, 89 %) fazia uso de hipoglicemiantes orais, insulina ou combinação dos dois. Um paciente (4,34%) tinha retinopatia não proliferativa leve, diabético há mais de 10 anos, fazendo uso de hipoglicemiante oral e insulina. Três (13,04%) apresentavam retinopatia diabética não proliferativa moderada. Desses 3, 2 (66,67%) faziam uso de hipoglicemiante oral e insulina; 2 (66,67%) com 10 anos ou mais de diabetes e 2 (66,67%) tinham edema macular clinicamente significativo em ambos os olhos. Um paciente (4,34%) apresentava retinopatia diabética não proliferativa severa, com doença há mais de 10 anos, fazendo uso de hipoglicemiante oral. Conclusão: Os resultados do exame oftalmológico feito com 23 pacientes diabéticos em Sapucaia do Sul mostrou prevalência moderada de retinopatia (21,7%) em um estudo transversal não comparado.